

L+ arte

leilões + arte + antiguidades n.º 16 Setembro 2005 € 4.80

novos talentos
Inês Rebelo

colecção particular
Albano da Silva Pereira



A ciência é uma palavra grande

Inês Rebelo interessa-se sobretudo pela metodologia científica. Nos seus trabalhos, cruza-se exactidão com um conceptualismo romântico

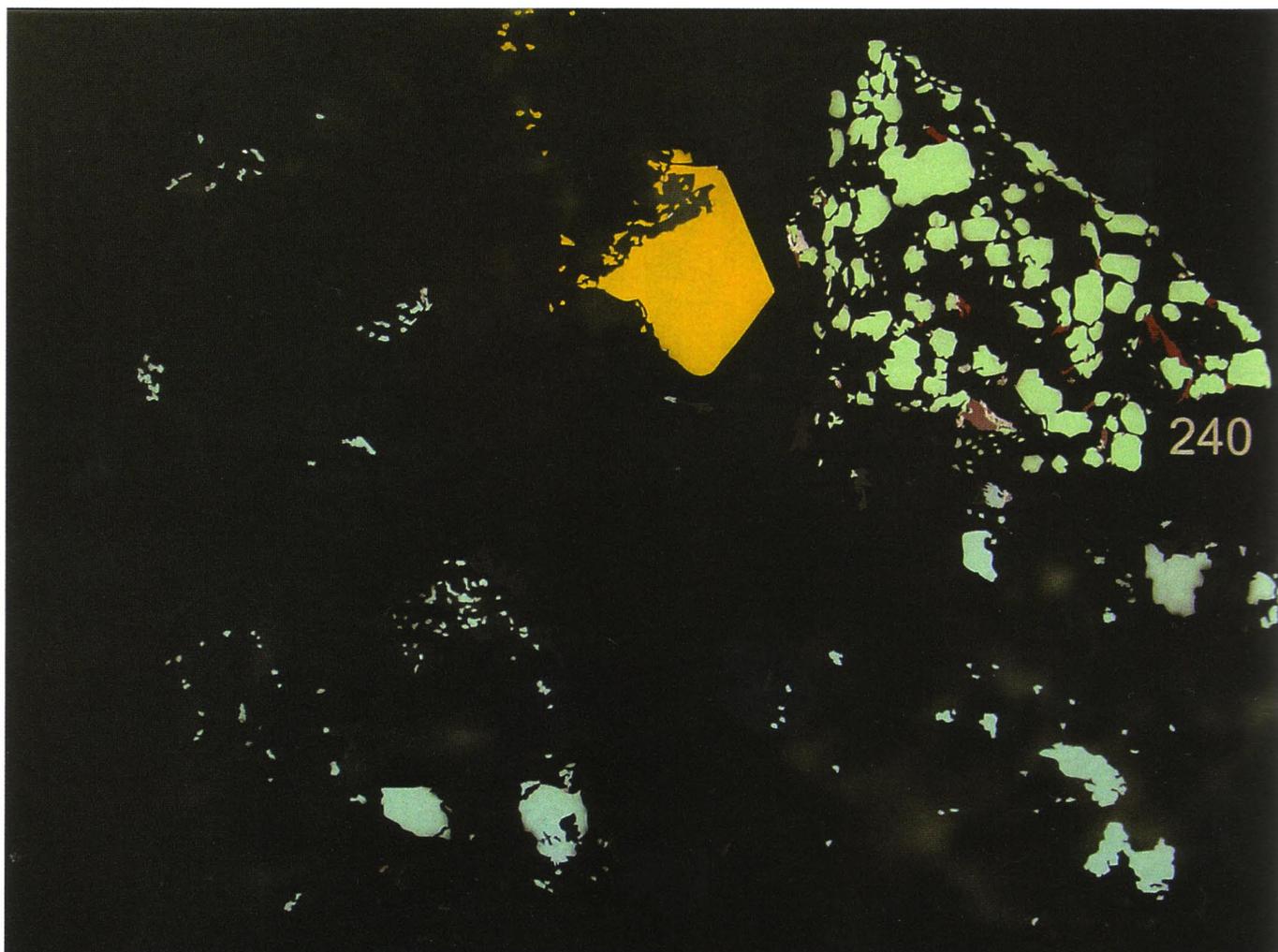
Num universo artístico em constante procura de um caminho e identificação na criação, tem a ciência proporcionado campos de reflexão da maior pertinência à sociedade em que vivemos, cada vez mais garantida ou viciada pelo desenvolvimento científico.

Nessa procura, Inês Rebelo tem desenrolado o seu trabalho artístico, ainda em formação, com as premissas que geralmente caracterizam o trabalho da ciência, sem contudo entrar pelo universo da investigação científica concreta. O seu interesse pela

ciência não se centraliza em nenhuma área em particular mas mais nos processos envolvidos, nas características que a unidade da ciência pressupõe – a exactidão, o rigor, a continuidade, os processos classificativos.

Surface tracking, 2004-2005, esmalte sobre alumínio, 88 x 119 cm

Natura Naturata, 2001-2002, esmalte sobre alumínio, 100 x 150 cm [cada], exposição "The opposite direction / Easily reversible", ZDB







Em texto da exposição “Preview-Overview”, de que falaremos adiante, o seu trabalho é apresentada da seguinte forma: “As pesquisas desenvolvidas por Inês Rebelo situam-se no universo onde arquitectura, paisagem e tecnologia convivem, ainda que nem sempre pacificamente. A arquitectura enquanto metodologia projectual que antecipa e é capaz de pré-visualizar espaços que se querem vivenciáveis, a paisagem como ponto de confluência de uma experiência visual onde o espectador é imprescindível e a tecnologia, como dispositivo que procura ocultar o erro e eliminar o imprevisível desenham as directrizes principais das suas propostas.”

Rejeição da manualidade

Tudo passa de forma precisa pela ideia de exactidão, à qual a ciência está associada e que outras subdisciplinas naturalmente subscrevem. A gestação destas investigações, onde muitos pressupostos do trabalho desta jovem artista confluem, é talvez “Natura Naturata”, de 2002, um díptico de esmalte sobre alumínio, onde se entrevêm estruturas arquitectónicas.

Inês Rebelo explicou-nos que, nesta peça, “o interesse por processos científicos ainda não era muito visível. Ainda estava seduzida pelo imaginário da arquitectura, pelo lado projectual e pela sua metodologia rigorosa, que procura premeditadamente atingir um fim. Isso levou-me a uma transposição dessa premeditação e desse rigor num processo que, parece-me, passa também por uma abordagem científica”.

Realizada durante a frequência da licenciatura em Pintura, esta obra mantém um carácter pictórico, que parte talvez do facto de a superfície de alumínio, com algumas zonas por pintar, conferir dinamismo à obra, numa postura dialéctica com o espectador.

Ternicamente inspirada em Fernando Calhau, há uma forma de trabalhar industrial que rejeita a manualidade, assumindo “uma composição predefinida num processo rigoroso hermético clínico, de construção de um end point”.

Pegando nesta ideia, o crítico Ricardo Nicolau, refere-se desta forma ao trabalho de Inês Rebelo: “quanto mais apurada é a técnica empregue na pintura, quanto mais encoberto (porque absolutamente transparente) estiver o seu processo, maior será o seu índice de naturalidade, de furto à mão do homem. (...) Inês Rebelo toca esta ideia de técnica como ameaça aos fundamentos da alma humana, da noção de conservação do humano. Com as suas chapas, em que o mais natural se deve afinal ao habitualmente considerado o mais artificial, ela interroga ironicamente o chavão do subjectivismo: quanto mais desligada de si, quanto mais mecânica nos dispositivos (quanto menos inserir o inesperado nos seus comportamentos), mais o resultado surgirá

Território de exactidão I, 2003, esmalte sobre alumínio, 100x119 cm

como “soprado”, instantâneo; e as superfícies pintadas, essas, quanto mais intervencionadas, mais transparentes”.

Lisboa e Londres

Inês Rebelo nasceu em 1981 e licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, em 2004. Recém-licenciada, apresentou-se com Mário Pires Cordeiro numa exposição que marca o seu percurso: “Preview-Overview”. Esta mostra foi realizada num espaço fora dos circuitos expositivos (Espaços Iduna – Lisboa, Porto e Santiago de Compostela), ligado ao design de equipamento, permitindo a apresentação de obras referentes aos seus percursos individuais, mas que confluíam em diversos pontos e especialmente numa obra conjunta intitulada “Maqueta Funcional”. Nesta peça, feita a partir de módulos utilizados em equipamentos da empresa que os recebia, o processo rigoroso associado ao design, à arquitectura numa metodologia conceptual, abstracta, ganha forma numa maqueta que, modular, tomou diferentes formas nos três espaços utilizados.

Na mesma mostra, individualmente, Inês Rebelo apresentou diferentes obras que continuavam a explorar os pressupostos acima referidos. Em “Construções Breves e Incompletas”, “apresenta-se uma hipotética intervenção de um dispositivo tecnológico num ambiente específico. Paisagens de Sintra (românticas pela sua atmosfera) entrecruzam-se com a intervenção de uma máquina, a qual seria capaz de projectar, por entre a folhagem, fragmentos de construções arquitectónicas e ambíguas leituras topográficas”.

Actualmente a estudar em Inglaterra, Inês Rebelo assimilou as diferenças no processo de ensino entre os dois países. “Em Inglaterra, no programa que estou a estudar, há uma preocupação em mostrar e reflectir acerca de todos os passos do processo criativo tornando-os visíveis no próprio trabalho. Em Portugal existe um cuidado acrescido no produto final”. Encontrou, portanto, uma nova forma de trabalhar que se tornou um desafio em termos de como se pensa um trabalho e como todas as decisões têm impacto no resultado processual. Uma filosofia que se coaduna na perfeição com a forma de pensar os seus projectos.

Neste contexto, tem reduzido as suas apresentações aos trabalhos de curso, onde se incluem os painéis representando minerais (“Layered Reading” e “Surface Tracking”) através dos seus sistemas de classificação, fugindo mais uma vez ao âmbito meramente pictórico, introduzindo nas suas peças sistemas científicos de análise e, mesmo numa grande especificidade conceptual, abrindo portas a outras leituras.

Igualmente recentes são “Manua Kea CCTV (Subaru Catwalk)” e “Mauna Kea CCTV (Blind Drawings)”. O primeiro é uma série de imagens do sistema interno de vigilância de um complexo de observatórios meteorológicos no Hawaii. Mais uma vez existe um desdobrar entre um romantismo pictórico e a



Construções breves e incompletas III, 2003-2004, impressão lambda, 100 x 175 cm

Construções breves e incompletas IV, 2003-2004, impressão lambda, 100 x 175 cm

Subaru Catwalk Camera Toward Noi
AT 2005-04-06_12:34:14PM HST



Subaru Catwalk Camera Toward Eas
AT 2005-04-06_12:33:02PM HST



Subaru Catwalk Camera Toward Noi
AT 2005-05-01_02:46:38AM HST



Subaru Catwalk Camera Toward Eas
AT 2005-05-01_02:46:38AM HST



especificidade da análise da própria representação que a ciência pressupõe, algo que igualmente remete para a ambivalência de leituras, uma mais subjectiva e ilusória, outra crítica e rigorosa. A partir das mesmas imagens, realizou "Blind Drawings". Inês Rebelo desenhava sem ver, revertendo o processo inerente ao sistema de vigilância, tornando uma imagem que se quer objectiva noutra ultra-subjectiva.

Depois da participação em Lisboa na feira Antecip'arte em 2004, Inês Rebelo remeteu-se para o trabalho académico na pós-graduação em Fine Art no Goldsmith College em Londres, não tendo tido qualquer apresentação para além da mostra pública de final do ano lectivo na faculdade. Sem qualquer representação comercial, já tem despertado a atenção de alguns colecionadores, embora Inês Rebelo esteja actualmente concentrada no trabalho académico, que continuará pelo próximo ano. Foi seleccionada para a exposição da quinta edição do Prémio Amadeo de Souza-cardoso a decorrer entre Setembro e Outubro próximos no museu do mesmo nome, em

Amarante. Prepara igualmente a participação na exposição "E=mc²", mostra que pretende cruzar o fenómeno científico e as práticas das artes visuais contemporâneas e que terá lugar de Outubro a Dezembro próximos, no Museu Nacional da Ciência e Técnica, em Coimbra. Reunirá artistas como Marta de Menezes, Alexandre Estrela, António Júlio Duarte, Cecília Costa, Frederica Bastide Duarte, José Maças de Carvalho, entre outros.

Esperamos, por isso, pelas futuras apresentações desta jovem artista, que na pertinência das suas investigações – "a ciência é uma palavra grande", dizia-nos Inês Rebelo – e com uma formação já sólida, poderá surpreender-nos no futuro próximo. ●

JOÃO MAGALHÃES

Mauna Kea CCTV (Subaru Catwalk), 2005, impressão sobre papel, 64 x (7 x 9,5 cm)